



Sociologia: Um desconvite?¹

Peter L. Berger*

A sociologia tem um amplo escopo - o estudo de todos os aspectos da sociedade humana - e seus pensadores mais influentes têm aplicado à disciplina métodos rigorosamente científicos. Em fins do século passado, Émile Durkheim preconizou o uso da objetividade; poucas décadas mais tarde, Max Weber demonstrava que a pesquisa poderia levar a teorias de grande alcance sobre culturas; e os mais destacados sociólogos americanos deste século, inclusive o estudioso contemporâneo Peter Berger, valorizam o trabalho empírico de campo e os estudos comparativos. Mas agora Berger lamenta que sua disciplina esteja correndo o risco de perder seu inestimável legado, porque os sociólogos de hoje se mostram incapazes de ver grandes tendências e relutam em abrir mão da advocacia partidária em seus escritos. Ele sustenta que a revitalização do campo está na volta às raízes: tentar compreender as complexidades e mudanças da cultura moderna.

Para reconquistar seu impacto, a sociologia precisa voltar à sua vocação original de estudar temas importantes de forma não preconceituosa.

A modernização é a grande força transformadora do mundo de hoje, mas, não é um processo uniforme. Eis porque a sociologia, a disciplina por excelência da modernidade, tem de ser comparativa.

Verifico, nesta altura da vida, que tenho poucos sinais em minha identidade de sociólogo. Se perguntado sobre minha disciplina acadêmica, costumo responder

por rotina com essa identificação. Mas ela tem pouco a ver com o que faço ou com o que considero que sou. Dedico escassa atenção aos assuntos em que se engajam

as pessoas do ramo. E atrevo-me a dizer que elas me devolvem as expressões na mesma moeda. Estamos quietes. Mas às vezes sou lembrado do fato de que em

* Diretor do Instituto para o Estudo de Cultura Econômica na Universidade de Boston, Berger é também conhecido por seus estudos sobre religião. Os 12 livros de sua autoria incluem *Invitation to Sociology* (1963) e *The Capitalist Revolution* (1986) (A Revolução Capitalista. Itatiaia, 1992).

¹ Texto transcrito, com permissão de Transaction Publishers, em *Society* © 1992 by Transaction Publishers. Tradução de José Lívio Dantas. Selecionado pelo PADECEME (Programa de Atualização dos Diplomados da ECEME).

minha impetuosa juventude andei convidando um tanto encarecidamente, tanto em meus escritos quanto em minhas aulas, outras pessoas a estudarem essa disciplina. Será que devo me arrepender do gesto? Ou preciso emitir um desconvite solene para não mais ser responsável por outros estudantes inocentes que se deixem seduzir pelo que poderia ser perfeitamente considerado uma empresa falida? Creio que a resposta a ambas as perguntas só pode ser um amável não: não, porque continuo a pensar que o tipo da sociologia que advoguei outrora é tão válido hoje quanto sempre o foi – e amável, porque estou ciente do fato de que isso não é o que a maioria dos que se dizem sociólogos está realmente fazendo.

É um truísmo dizer que vivemos num tempo de profundas e rápidas mudanças. E estas são apenas uma fase acelerada das grandes transformações ocasionadas pelo processo de modernização que se deu primeiro na Europa e depois, em grau crescente, por todo o mundo. É instrutivo lembrar que a sociologia como disciplina surgiu precisamente como um esforço para compreen-

der tão vastas transformações e, se possível, exercer controle sobre elas. Foi esse evidentemente o caso nos três países em que surgiram diferentes tradições sociológicas – França, Alemanha e Estados Unidos. Compreender e até controlar a modernidade – eis uma proposta terrível! Não admira, pois, que os primeiros mestres da sociologia tenham sido indivíduos de impressionante poder intelectual e, em muitos casos, de poder pessoal. Seria tolice querer que seus sucessores, remontando-se a uma linha de várias gerações acadêmicas, possuíssem características comparáveis. Mas seria de esperar uma certa continuidade de postura intelectual, uma continuidade se não na substância, pelo menos na forma. É difícil afirmar que esse seja o caso. A sociologia em seu período clássico – mais ou menos entre 1890 e 1930 – tratou das *grandes questões* do tempo; hoje, ela parece evitar essas questões e, quando não as evita, delas se ocupa de forma excessivamente abstrata. Os sociólogos clássicos cuidavam de olhar objetivamente para a realidade social, sem consideração aos próprios preconceitos ou desejos (coisa que

Max Weber resumiu no mal-sinado conceito de *valor-espontaneidade*); hoje, são inúmeros os sociólogos que se vangloriam de não-objetividade e de advocacia partidária. Em determinado momento a sociologia nos Estados Unidos teve a intenção de cultivar um empirismo robusto, que Louis Wirth definiu como sendo a disposição *de alguém sujar as mãos na pesquisa* e que também poderia ser denominado como o cultivo de um nariz sociológico. Hoje não poucos sociólogos se orgulham da qualidade abstrata e antisséptica de sua obra, algo comparável à caprichosa construção de modelos de economistas teóricos. Seria interessante saber se essas pessoas entrevistaram alguma vez um ser humano vivo ou se participaram algum dia, com curiosidade, de um acontecimento social ao vivo.

Chamarei a atenção para estas preocupações à luz de quatro importantes acontecimentos ocorridos a partir da Segunda Guerra Mundial. Cada um desses acontecimentos pegou muitos sociólogos, para não dizer a totalidade, de completa surpresa. E o que é mais grave, mesmo depois desses aconte-

tecimentos terem se mostrado ostensivamente às claras, os sociólogos se consideraram incapazes de explicá-los ou de lhes dar sentido dentro da moldura de uma teoria sociológica. Dada a importância desses fatos, o fracasso da sociologia em prevê-los ou ao menos em apreendê-los indica que algo aqui está realmente errado.

Caso um. Em fins dos anos 60 e início dos 70 ocorreu uma revolta cultural e política nas grandes sociedades industrializadas do Ocidente. Foi uma surpresa total. Visto pelas lentes da sociologia convencional, o acontecimento, apresentou uma questão torturante: como podia ser que algumas das pessoas mais privilegiadas da terra, e até mesmo da história, se voltassem violentamente contra a própria sociedade que as fizera assim tão privilegiadas? Voltando-se para a sociologia americana, como era ensinada então e como ainda o é em inúmeros cursos universitários, constata-se a proposição de que as pessoas se tornam mais conservadoras na medida em que se tornam mais ricas. Tal proposição pode ter sido perfeitamente

válida até o aparecimento do fato acima mencionado. Mas certamente não era válida quando ocorreu aquele cataclisma político-cultural, como já não o é hoje. Ao contrário, tanto na política como na cultura os movimentos *progressistas* têm sido socialmente localizados na afluyente classe média alta - a Nova Esquerda, os movimentos antibélicos, o feminismo, o ambientalismo, etc.

Sociólogos de esquerda têm tentado, sem sucesso algum, forçar o fenômeno para dentro de categorias marxistas como a *proletarização da classe média*. Por outro lado, colegas mais *burgueses* resmungam qualquer coisa sobre *política de status*. Mas provavelmente a melhor interpretação é a de que os sociólogos em sua maioria eram nada mais nada menos que parte do fenômeno. A geração que ingressou na profissão naqueles anos, hoje oscilando pela meia-idade estável, tinha adornados no coração todos os sinais liberais de paz. Para eles, aquele era e ainda é um conflito entre bons e maus rapazes - embora os bedéis politicamente corretos tenham mudado um pouco. As pessoas relutam em aceitar explicações

sociológicas sobre seus próprios atos - mesmo que sejam sociólogos profissionais. Em outras palavras, o fracasso da sociologia em apreender esse desenvolvimento deve-se, em grande parte, a antolhos ideológicos.

Caso dois. Uma das transformações fundamentais no mundo contemporâneo é a rápida ascensão econômica do Japão e de outros países do Leste asiático. O que acontece aí não é simplesmente um milagre econômico de enormes proporções, ocorrendo em velocidade vertiginosa, mas o primeiro exemplo de modernização bem sucedida num contexto cultural não-ocidental, que deveria ser de especial interesse para os sociólogos. Dito de maneira simples, o Japão é importante para a compreensão ocidental não tanto do Japão como do próprio Ocidente. Novamente aqui, ninguém esperava a ascensão da Ásia oriental. Numa conferência que se realizou nos anos 50 e da qual alguns participantes ainda se recordam sem muitas saudades, foi unânime a concordância de que o confucionismo era um dos obstáculos mais temíveis ao desenvolvimento

da Coreia do Sul e das sociedades chinesas. Hoje é comum citar-se esse legado cultural como uma das causas do sucesso econômico do Extremo Oriente.

A teoria da modernização vacilou na esteira do final dos anos 60, quando ela foi completamente desacreditada como uma ideologia do imperialismo ocidental. Enquanto isso, sociólogos esquerdistas se ocupavam em dar nascimento à chamada teoria da dependência, segundo a qual o capitalismo perpetua necessariamente o subdesenvolvimento; a solução, é óbvio, estava no socialismo. Há uma bizarra sincronização entre desenvolvimento empírico e desenvolvimento teórico. Mesmo quando o Sudeste asiático estava explodindo numa prosperidade e num desenvolvimento econômico espantosos, ao tempo em que todas as sociedades socialistas afundavam na estagnação irremediável, sociólogos em número cada vez maior continuavam a proclamar obediência a uma teoria condenada.

Com toda franqueza, meu segundo caso não se parece muito com o primeiro, já que de fato tem havido um considerável esforço por parte dos sociólogos

para compreender o fenômeno, ainda que não o tenham previsto. É uma tarefa ingente modificar o conceito de sociedade moderna, tal como ele se desenvolveu a partir, digamos, de Max Weber até Talcott Parsons, com critérios a serem obtidos da nova modernidade não-ocidental.

Esta é realmente uma *grande questão*. É uma questão nada consentânea com pessoas cuja perspectiva é parquialmente etnocêntrica e que se agarram a métodos que não se prestam às *grandes questões*. O que aqui se requer é uma sociologia de índole clássica, fundamentada num conhecimento da história metodologicamente flexível e imbuída de um espírito cosmopolita sempre curioso sobre todas as manifestações da vida humana. Sociólogos que praticam seu ofício com tal índole, é escusado dizer, já não são encontrados com muita facilidade. Pior ainda, pode-se afirmar que tanto a formação como o sistema de recompensa da profissão são habilmente destinados (ainda que talvez sem essa intenção) a impedir que tais pessoas surjam.

Caso três. Outro conceito que parecia muito bem

consolidado nas décadas de 1950 e de 1960 era a chamada teoria da secularização. Em breves palavras, essa teoria postula a noção de que a modernização traz necessariamente consigo um declínio da religião na vida humana, não só em termos de instituições sociais como também de consciência individual. Tal noção tem uma longa história no pensamento ocidental, remontando pelo menos ao iluminismo do século XVIII, para não dizer a mais longe. A modernidade, erigida sobre os fundamentos da ciência e da tecnologia, acarretou uma mentalidade cada vez mais racional que já não considerava plausíveis as interpretações religiosas, presumivelmente irracionais, do mundo.

Deixando de lado o pressuposto questionável quanto à irracionalidade da religião, a teoria da secularização parecia baseada na evidência empírica e era, conseqüentemente, aberta à falsificação empírica. Por volta do final da década de 1970, ela havia sido bastante falsificada. Acontecia, para começar, que essa teoria teve muita substância empírica. Era e continua a ser válida numa única região do mundo, a Europa, em

poucos territórios espalhados e numa camada bastante rarefeita de intelectuais de formação ocidental dispersos por toda parte. O resto do mundo continua sendo tão fervorosamente religioso como sempre foi, e até bem mais do que foi antes neste século.

O que tornou essa teoria completamente insustentável foi o ressurgimento evangélico na América durante os anos 70, primeiro induzido à atenção geral pela candidatura à presidência, em 1976, de Jimmy Carter, um seguidor da Igreja Batista do Sul e, um pouco mais tarde, pelo ruidoso aparecimento da organização política *maioria moral* e grupos semelhantes. De repente, tornou-se óbvio que a sociedade americana, embora fosse um fato pouco observado nos meios intelectuais, continha milhões e milhões de cristãos *renascidos* e que, em ritmo alarmante, eles continuavam a crescer cada vez mais, enquanto as igrejas de linha tradicional entravam num vertiginoso processo de declínio demográfico. O fenômeno evangélico serviu para pôr em destaque um fato mais fundamental: a América diferia da Europa exa-

tamente pela mentalidade religiosa.

Afora os Estados Unidos, entretanto, o acontecimento que sacudiu a teoria que vincula a modernização à secularidade foi a Revolução Iraniana de fins da década de 1970. Mais uma vez saltou aos olhos um acontecimento grave que, teoricamente, não deveria ter ocorrido de forma alguma. A partir de então, surtos religiosos de toda espécie vêm pipocando por todo o mundo. E os sociólogos de todas as colorações continuam a ser confundidos. Sejam ou não politicamente de esquerda, eles sofrem de antolhos ideológicos quando o assunto é religião, e a tendência então é das fartas explicações. Mas, ideologia à parte, o paroquialismo é aqui também um fator importante. Os sociólogos vivem em ambientes realmente secularizados - academias e outras instituições da indústria de conhecimento profissional - e parece que não são mais imunes que os não sociologicamente instruídos ao equívoco comum de que se pode generalizar sobre o mundo a partir do cantinho de cada um.

Caso quatro, finalmente.
Este se refere ao surpreen-

dente colapso do império soviético e ao que parece, pelo menos por ora, o colapso mundial do socialismo, tanto como realidade quanto como idéia. Seria injusto singularizar os sociólogos. Assim como ninguém previu essa revolução (nem mesmo os batalhões de soviétólogos de carteirainha), assim também todo mundo está tendo grande dificuldade em compreendê-la dentro de uma estrutura teórica que faça sentido. Não obstante, é lícito afirmar que os sociólogos, mesmo aqueles com relevantes especializações regionais, não eram melhores que qualquer outra pessoa para prever o acontecimento, como não são melhores hoje para avaliá-los. Cabe imaginar o que eles farão em anos vindouros.

O colapso do império soviético e a crise mundial do socialismo apresentam um enorme desafio ao entendimento sociológico da modernidade. O que se requer é um meticuloso repensar da relação entre instituições econômicas, políticas e sociais numa sociedade moderna. E aqui me lembro do antigo chiste que diz: *se você não serve para nada, mesmo assim serve de mau*

exemplo. Para a teoria sociológica, *maus* exemplos como o socialismo são tão úteis quanto os *bons* exemplos. A questão mais interessante não é saber porque as sociedades comunistas se espatifaram, mas saber porque não ocorreu isso com as do Ocidente. É esse um ponto teórico básico que demasiado sociologismo tem desprezado sistematicamente: o *problema* não é desorganização social, mas organização social - casamento e não divórcio, adesão à lei e não crime, harmonia social, e assim por diante. Podemos admitir com segurança que o padrão humano comum é infidelidade, violência e ódio. Essas manifestações da natureza humana quase não precisam de explicação; esta é necessária naqueles casos em que as sociedades surpreendentemente conseguem reprimir tais propensões.

O que é que esses quatro casos realmente revelam sobre o que molesta a sociologia hoje? Pode-se apontar para quatro sintomas: paroquialismo, trivialidade, racionalismo e ideologia. Cada um deles é aleijante. E a combinação de todos é simplesmente mortal. Se se lan-

ça um olhar para a obra de grandes sociólogos clássicos, com Max Weber e Émile Durkheim na liderança, logo vem à lembrança a máxima do fundador do metodismo, John Wesley: *O mundo é minha paróquia.* Poucos sociólogos poderiam dizer isso hoje, e aqueles que o fazem muito freqüentemente denunciam uma embaraçosa falta de profundidade histórica.

Em debate está muito mais do que mera tendência em favor de um tipo de cosmopolitismo sofisticado. Uma pessoa pode ser um excelente médico sem jamais ter posto os pés fora da própria sociedade; mas sei que não acontece o mesmo com um sociólogo. E a razão para isso é simples. A modernização é a grande força transformadora do mundo de hoje, mas não é um processo mecânico uniforme. Toma diferentes formas e evoca diferentes reações. Eis porque a sociologia, a disciplina por excelência para buscar compreender a modernidade, tem de ser necessariamente comparativa.

Era esse, como se sabe, um dos critérios fundamentais de Weber; e é hoje mais relevante do que nunca. Por isso, os sociólogos têm de

olhar para o Japão a fim de compreender o Ocidente, para o socialismo a fim de entender o capitalismo, para a Índia a fim de compreender o Brasil, e assim por diante. Paroquialismo em sociologia é muito mais do que uma deficiência cultural: é a fonte de falhas mutilantes de percepção.

Também a trivialidade é fruto do paroquialismo, mas no caso da sociologia a raiz mais importante é metodológica. Essa doença da disciplina remonta mais ou menos aos anos 50. Num esforço inútil e teoricamente equivocado para imitar as ciências naturais, os sociólogos desenvolveram métodos quantitativos de pesquisa cada vez mais refinados. De si mesmo, não há nada de errado nisso. A sociologia encerra um bom número de questões que precisam de pesquisa tipo levantamento; e quanto melhores forem os métodos quantitativos, mais confiáveis serão as conclusões. Mas nem todas as questões sociológicas exigem essa abordagem, e algumas são de tal caráter que exigem abordagens qualitativas diferentes.

Como ciência, a sociologia será necessariamente um

exercício de racionalidade. Mas vai uma grande distância entre esse exercício e admitir que a ação social comum seja guiada pela racionalidade. A disciplina da economia repele a participação com esse critério e continua a operar como um modelo altamente racional. Como consequência, repetidas vezes deixa espetacularmente de compreender, quanto mais de prever, a dinâmica do mercado. Não são poucos os sociólogos que procuram rivalizar com a economia, adaptando modelos teóricos baseados no *paradigma da ação-racional* à sua própria disciplina. Podemos com segurança prognosticar que os resultados intelectuais dessa proposta serão muito parecidos com os da economia. Sim, a sociologia é uma disciplina racional; toda ciência empírica o é. Mas precisa não cair no erro fatal de confundir a própria racionalidade do mundo.

Tal crítica corresponde em certo grau àquelas feitas por C. Wright Mills no livro *The Sociological Imagination* (1959). Mills que faleceu em 1962, escreveu antes que a maré ideológica de fins da década de 1960 dominasse o campo. Não po-

demos saber o que Mills teria feito se tivesse vivido durante aquele período. Sabemos entretanto, o que fizeram muitos dos seus leitores, especialmente aqueles que ficaram mais impressionados com suas críticas. Mergulharam num delírio ideológico, em grande parte moldado em pressupostos marxistas, que pareciam fornecer remédios para todas as doenças do campo. Essa escola proporcionou uma orientação teórica que certamente tratou de *grandes questões* e assim o fez num arcabouço internacional de referência (nada menos que *sistemas mundiais*). Mas não se entusiasmou muito com métodos quantitativos e, por fim, enquanto se considerava como sendo rigorosamente científica, também admitia que quase todo mundo estava se deixando afligir por *falsa consciência*.

As respostas às *grandes questões* acabaram, infelizmente, por se revelar errôneas, e o mundo se recusou a comportar-se da forma que a teoria prognosticava. A pior consequência da ideologização da disciplina, que ocorreu nos anos 60 e 70, é a crença persistente de que a objetividade e *valor-espontaneidade* são impossíveis, e

que os sociólogos, compreendendo tal coisa, teriam de expressamente agir como advogados.

Tal postura não se restringe de modo algum à Esquerda. Nas grandes disputas metodológicas durante o período clássico da sociologia, especialmente na Alemanha, eram pensadores de Direita que assumiam muito vigorosamente essa posição. O antídoto ao *falso ideal* de objetividade era uma *ciência alemã* e a formulação mais elegante de ciência de advocacia partiu, nada mais nada menos, que de um personagem e propagandista nazista chamado Josef Goebbels - *A verdade é aquilo que é bom para o povo alemão*.

Na medida em que a Esquerda declina na vida intelectual americana, se é que está declinando, outras ideologias podem ser observadas adotando a mesma postura de subjetividade que transforma a ciência em propaganda e demarca, onde quer que ela seja adotada, o fim da ciência. Feministas e multiculturalistas são hoje os grandes representantes dessa postura nas ciências sociais americanas, mas podemos esperar, com certeza, que outros apareçam. Pode

ser até que alguns sejam de Direita.

Diagnosticando-se a condição da sociologia, não se deve considerá-la em isolamento. Seus sintomas tendem a ser aqueles que normalmente atormentam a vida intelectual. E não se pode dizer que outras ciências humanas estejam em melhor forma. Em sua maioria, os economistas são cativos de pressupostos racionalistas, enquanto quase todos os cientistas políticos parecem cair na mesma armadilha.

A sociologia não é tanto um campo como uma perspectiva. Se essa perspectiva inexistir, nada restará. Assim pode-se estudar a economia, o sistema político e os hábitos de acasalamento dos samoanos a partir de perspectivas diferentes, uma das quais é a sociologia. A perspectiva sociológica introduziu-se na instrumentação cognitiva da maioria das ciências humanas com grande sucesso. São poucos os historiadores que de alguma forma não tenham incorporado uma perspectiva sociológica em sua obra. Ao contrário dos outros cientis-

tas humanos, os sociólogos não podem reivindicar um território empírico específico como próprio. O que eles têm a oferecer é quase sempre uma perspectiva. As doenças é que efetuam precisamente a dissolução dessa perspectiva, por aí tornando obsoleta a sociologia.

Poder-se-ia argüir que tal obsolescência não constitui um grande desastre intelectual, uma vez que o que a sociologia tinha originalmente a oferecer já se encontra em grande parte integrado ao corpo de outros campos. Mas quando se olha para esses campos, não se pode senão chegar à conclusão de que eles precisam desesperadamente de uma boa dose de sociologia, tal como a disciplina era compreendida em seu período clássico, e não só migalhas e pedacinhos de erudição sociológica que tenham sido assimilados. Em outras palavras, há bons motivos intelectuais para que uma pessoa não deva aplaudir a possível defecção da disciplina.

Será que esse destino pode ser evitado? Tenho cá minhas dúvidas. Na verda-

de, a patologia já está muito aprofundada. É possível sugerir algumas condições para uma reversão de estado: uma sociologia que retorne às grandes questões da era clássica, que seja cosmopolita e metodologicamente flexível, e que seja também enfática e militantemente antiideológica. Mas o que dizer das exigências institucionais para uma tal reversão? É óbvio que ela não poderá ser realizada por conferências, manifestos ou outras diligências intelectuais efêmeras. O ressurgimento da disciplina terá de basear-se em um ou mais dos programas acadêmicos nos quais os sociólogos sejam formados em universidades provavelmente (ou lamentavelmente) de elite. E o processo terá de ficar nas mãos de pessoas mais jovens, aquelas que tenham duas ou mais décadas de vida profissional ativa à frente - porque é esse o tempo de que se precisará. Será que alguma coisa disso é possível? Talvez sim, talvez não. Mas um dos critérios fundamentais da sociologia clássica é que as ações humanas podem surprender. 